

DIÁLOGO E DIALOGISMO NO PROCESSO DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Fabiana Cristina KOMESU¹

- RESUMO: O objetivo deste trabalho é a reflexão a respeito da questão do diálogo e do dialogismo no processo da chamada aquisição da linguagem. A partir da observação de um episódio ocorrido entre mãe e filha, em contexto familiar, procuro realizar alguns apontamentos acerca da consideração do diálogo como unidade de análise nos estudos em aquisição. Busco retomar a relevância de sua emergência nos estudos da área, para, enfim, problematizar a questão no âmbito de uma noção dialógica constitutiva da linguagem humana, a propósito dos estudos desenvolvidos por Bakhtin.
- PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem; fala da criança; interacionismo; diálogo; dialogismo; Bakhtin.

Um primeiro olhar: a bicicleta feia de Anamaria

Em se tratando de uma investigação na área da aquisição da linguagem, não poderia escapar à observação de, pelo menos, um dado, como ponto de partida para os apontamentos a que me propus. O diálogo que se segue foi recolhido por uma pesquisadora (lingüista) brasileira, cujo trabalho resultou no levantamento dos *corpora* longitudinais de duas crianças também brasileiras, Anamaria e Juliana. No episódio relatado, Anamaria (A) encontra-se na varanda da casa, com sua mãe (M), brincando com uma bicicleta. A transcrição do episódio revela o fato de que a lataria de uma das rodas estava amassada. A mãe pergunta à menina:

M. Cê gosta do Danilo?

A. Danilo muito bonzinho. Deu uma bicicleta pra mim... Aquela! Mas o meu pai não é bonzinho, quero que / meu pai comprou essa daqui não, porque essa daqui é feia, né? Vai sobrar pra Juliana agora...

¹ Departamento de Lingüística - Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp - 13093-240 - Campinas - SP - Brasil.
E-mail: fabianakomesu@hotmail.com.

- M. Vai o quê?
A. Vai sobrá pra Juliana!
M. Essa aqui?
A. Banquinho dela! Pode ligar rádio!
M. Esse banquinho, pra pôr rádio por cima, né?
A. É. Ela pode ligar / ela pode mexer aqui, mas sem / sem 'sagar.
M. Hum-hum. Sem estragar.
A. Mas quando ela ficar grande, né? Ficar nenezinha assim...
M. Maiorzinha... (Série Anamaria, 3;9.20. Arquivo Cedae/Unicamp)²

A menina expressa à mãe os sentimentos por Danilo, a pessoa que lhe deu uma bicicleta, supostamente melhor do que aquela com a qual estava brincando na varanda de sua casa. Poder-se-ia dizer, na observação desse episódio, que Anamaria atribui ao pai o fato (depreciativo do ponto de vista dessa criança) de ter de brincar com uma bicicleta “feia”, cuja lataria da roda estava amassada. A menina parece encontrar como solução para seu estado de ânimo a doação dessa bicicleta feia para a irmã mais nova, Juliana (“Vai sobrar pra Juliana agora...”). A continuidade temática do diálogo entre mãe e filha é, aparentemente, interrompida pela seqüência em que Anamaria diz “Banquinho dela! Pode ligar rádio!”. A mãe, entretanto, não se deixa abalar pela suposta ruptura do tema da conversa. Do ponto de vista da interpretação do interlocutor adulto, poder-se-ia supor que Anamaria fazia referência ao banco (“banquinho”) da bicicleta como lugar indicado para a colocação de um aparelho de som, o rádio, ainda que tal objeto não tivesse sido apontado na fala da criança ou na do adulto até aquele momento. Anamaria adverte a mãe de que a irmã pode ligar e mexer no aparelho, desde que não o estrague.

A advertência formulada pela menina fez-me pensar se o aviso se dirigia, de fato, à mãe ou, mais diretamente, à imagem da irmã mais nova. Com efeito, uma projeção da imagem de Juliana por Anamaria parece refletir muito do que se compartilha socialmente a respeito do imaginário sobre pessoas mais novas que o próprio enunciador. Anamaria encontrava-se, aparentemente, preocupada com o fato de que a irmã pudesse estragar o aparelho de som. Sua fala “Mas quando ela ficar grande, né? Ficar nenezinha assim...” exprime os cuidados e advertências, insistentemente repetidos pelos adultos, que devem ser tomados para que uma criança não se machuque com (e não danifique os) aparelhos eletrodomésticos. O emprego da conjunção adversativa “mas” é um indício desse momento de transição que deve ser observado (e que não escapa a Anamaria), a propósito de um desenvolvimento físico, e também intelectual (a responsabilidade com o manuseio de objetos, por exemplo), por parte de uma criança.

Em relação à continuidade desse mesmo enunciado de Anamaria, é de meu interesse destacar o emprego divergente de “nenezinha” no lugar de “maiorzinha”, corrigido, na seqüência, pela mãe. Há de se pensar, novamente, como o fragmento apontado traz muito do que uma criança ouve em sua interação com adultos falantes. Por Anamaria ser mais velha que Juliána, é bastante provável que tenha sido exposta ao emprego constante de “nenezinha”, em contraposição à sua própria condição de filha

2 Arquivo pertencente ao Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedae) da Unicamp

mais velha. Ou, ainda, pode-se imaginar que o emprego de “nenezinha” seja parte da *memória discursiva* de uma criança que, aos 3;9 anos de idade, ainda é chamada por hipocorísticos como “nenezinha” (da mamãe, do papai). O deslocamento do emprego correto de “maiorzinha” por “nenezinha” é assunto que será retomado adiante.

Esse episódio ocorrido entre Anamaria e sua mãe aconteceu no dia 13 de setembro de 1977. Poder-se-ia atribuí-lo a qualquer contexto familiar ainda mais recente, cuja rotina envolvesse a convivência entre pais e filhos; o momento lúdico, com a manipulação de brinquedos (a exemplo da bicicleta e do aparelho de som), e a exposição de sentimentos humanos na relação de uma criança com um amigo (Anamaria e Danilo), com o pai (Anamaria e seu pai), com a irmã mais nova (Anamaria e Juliana). Todavia, de um ponto de vista dos estudos em aquisição da linguagem – mais especificamente, do (socio)interacionismo, como ver-se-á a seguir – deve-se colocar em evidência o que não está explícito no relato dessa cena cotidiana: a importância da interação entre a criança e o adulto falante para a *materialidade da fala* no evento dialógico.

O diálogo como unidade de análise

A questão fundamental para a área da aquisição da linguagem é a investigação de como a criança aprende a falar, em termos de mudanças qualitativas. Não por acaso as interrogações mais freqüentes são direcionadas para a identificação de supostos estágios e fases no que se considera uma aprendizagem. Questiona-se se esses estágios e fases seriam os mesmos para todas as crianças, independentemente de sua ascendência genealógica, de sua origem geográfica, de sua condição socioeconômica e cultural. Pergunta-se se existem aspectos da língua que são particularmente mais difíceis de serem apreendidos e se a velocidade no aprendizado faz diferença na formação da criança. Pode-se, mesmo, interrogar a exclusividade da fala como atributo humano, uma vez que pesquisadores afirmam que animais, como os primatas, podem aprender uma “língua” – ainda que essa definição de língua não seja identificada com a humana, e que esteja mais próxima da comunicação entre animais de uma mesma espécie do que dos efeitos de sentido da (e sobre a) linguagem.

Estudiosos da área da aquisição da linguagem (pre)ocuparam-se, pois, em investigar o fato de a fala da criança se impor como objeto de análise. De maneira geral, pode-se dizer que pesquisadores, como os de filiação inatista, consideram a criança como um ser com dotação genética e biológica generalizada, apropriada para aprender uma língua. A criança é tomada como a sede de um processo de caráter neurológico: a mudança qualitativa em relação à língua é lógica porque se encontra na própria criança, em seu “estado zero”.³ O destino do ser humano, de uma perspectiva inatista, é falar. Já para estudiosos do cognitivismo, a criança possui uma capacidade geral para falar e aprender o que quer que seja. Entre as atividades mentais gerais, estaria a da linguagem. A hipótese cognitivista apontaria, portanto, para um sujeito

³ A esse respeito, cf., em especial, prefácio de Smith em Chomsky (2000).

falante intencional e constituído no âmbito de um paradigma do acerto, no qual a comunicação é marcada pelo sucesso de seu funcionamento.⁴ A investigação na aquisição da linguagem deve questionar a própria teoria e seus instrumentais de análise com o objetivo de explicitar a maneira como a fala da criança é *produzida metodologicamente* como dado empírico. É de uma perspectiva (socio)interacionista que a descrição da fala da criança obtém um caráter diferenciado na área. Com efeito, a abordagem (socio)interacionista coloca a questão do *diálogo* como unidade de análise no processo da aquisição da linguagem, na interação da criança com o adulto falante. Levando-se em consideração o diálogo, coloca-se em jogo não somente a fala da criança, mas também a escuta a que ela é submetida no processo da aquisição. A singularidade dessa proposta é reconhecida por articular, de maneira sincrônica, as noções de língua e de outro na constituição do sujeito falante. Como ganho teórico, portanto, destacam-se o papel do outro e a assunção de diferenças individuais no processo da aquisição da linguagem.

Do ponto de vista metodológico, a coleta do material privilegia a pesquisa longitudinal naturalística, focalizada na qualidade dos dados. Em geral, o material é coletado por meio de gravações sistemáticas (em videoteipe e/ou em áudio) no período de uma semana a quinze dias, com duração de meia hora cada sessão. É uma pessoa adulta da família (quase sempre, a mãe) a indicada para interagir com a criança, sem deslocá-la de seu lugar preferido, como o quarto ou a sala de estar de sua casa. Outra fonte que integra o conjunto de dados é o diário, no qual o pesquisador relata situações de interação com a criança.

O diálogo entre Anamaria e sua mãe, transcrito anteriormente, possui uma condição distinta dos demais episódios ocorridos em núcleos familiares, justamente por integrar o banco de dados de um projeto de pesquisa em aquisição da linguagem. Trata-se do Projeto de Aquisição da Linguagem do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O projeto, coordenado pela professora Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, contou, desde o início, com a participação de um grupo fixo de colaboradores, entre os quais encontram-se Célia Carneiro da Cunha, Ester Miriam Scarpa, Maria Cecília Perroni, Maria Fausta Pereira de Castro e Rosa Attié Figueira (mãe de Anamaria e de Juliana). O grupo produziu uma série de teses e de artigos acadêmicos no âmbito dos estudos sociointeracionistas. A questão para a qual aponto neste trabalho, no entanto, não é a de fazer uma revisão histórica de uma possível gênese desse quadro teórico-metodológico.⁵ Interessa-me a problematização do que de mais relevante foi abordado pelos estudos sociointeracionistas, a saber, a adoção da questão do diálogo como unidade de análise.

Scollon (1979), ao investigar o desenvolvimento fonológico de uma menina havaiana, Brenda, é quem relata uma descoberta importante para os estudos da área da aquisição da linguagem. De maneira quase acidental, o autor se dá conta, no mo-

4 A propósito de uma crítica às hipóteses cognitivistas na questão da argumentação na aquisição da linguagem, mais especificamente, no que se refere à teoria da relevância proposta por Sperber e Wilson (1987), cf. artigo de Castro (2000).

5 Para a investigação da constituição do sociointeracionismo, remeto o leitor ao capítulo 4 de M. de Lemos (1994), no qual a autora traça, com o devido rigor teórico, um panorama de sua constituição.

mento da transcrição dos dados da pesquisa, de que estabelece "breves diálogos" com a menina, então com 1;8 ano de idade. "*I noticed we had started to have little conversations*" (p.215).⁶ Para Scollon, a análise da produção da fala de Brenda indica que a criança não tem, necessariamente, a intenção de efetuar uma comunicação com o outro (adulto), no sentido que essa comporta de informação. Trata-se de um apelo de significação, de reconhecimento do que ela produz na enunciação: "*Finally ... it is clear that Brenda is only waiting for some indication that her first utterance was within some tolerance limits of understanding and she gets on with the construction*" (p.221).⁷

É, pois, o outro (adulto falante) quem primeiro interpreta e significa os sons produzidos pela criança, inserindo-os na rede da linguagem. Desse modo, acredito, constitui-se uma noção de subjetividade/alteridade na relação entre a criança e o adulto falante. Castro (1998a) define o papel do adulto no estudo do interacionismo:

O adulto, nos termos do interacionismo de que falo, é aquele que sabe a língua que a criança também virá a saber, mas a sua posição não é a de quem transmite linguagem, ou é capaz de transformá-la em objeto modelar para a aprendizagem. *A sua característica é a de ser o lugar de funcionamento da língua constituída* (cf. LEMOS, 1992), com tudo o que implica a posição de ser falante ou de se ter constituído como um ser de linguagem, dela indissociável. (p.248, grifo nosso)

A noção de um sujeito-outro como lugar de funcionamento da língua constituída, a que se refere Castro (1998a), advém, como cita a autora, dos estudos desenvolvidos há anos por C. de Lemos no domínio da Aquisição da Linguagem. Torna-se importante esclarecer, com M. T. de Lemos (1994), que os estudos sociointeracionistas realizados por C. de Lemos foram contemporâneos aos realizados por Scollon. As condições de produção de um e de outro trabalho, entretanto, foram totalmente diferentes, como destaca M. de Lemos (1994, p.135), a começar pela condição geográfica, que colocava essa autora, assim como outros pesquisadores brasileiros, na marginalidade do circuito de produção acadêmica Europa-Estados Unidos. Esse caráter marginal trouxe ganhos ao empreendimento de seu projeto, uma vez que se encontrava menos vigiada pelos ideais tão fortemente marcados pelo pensamento inatista da aquisição da linguagem (ibidem).

O diálogo como unidade de análise emerge como questão relevante na medida em que pode ser observado – e, portanto, justificado – logo nos primeiros momentos da interação da fala da criança com a do adulto. C. de Lemos (1982, p.113-4) descreve dois processos, o de especularidade e o de complementaridade, com a finalidade de responder às questões dialógicas estabelecidas não só na relação entre os enunciados da criança e os de seu interlocutor adulto, mas também na relação entre elementos lingüísticos combinados em um único enunciado ou turno dialógico. Segundo a autora, o processo de especularidade pode ser definido da seguinte maneira: o interlocutor adulto (em geral, a mãe) é quem começa a repetir à criança que, por sua vez,

6 "Eu percebi que havíamos começado a estabelecer breves diálogos" (tradução nossa).

7 "Finalmente ... está claro que Brenda está apenas esperando por alguma indicação de que sua primeira expressão estivesse dentro de certos limites toleráveis de compreensão e ela prossegue em sua construção" (tradução nossa).

retorna um fragmento incorporado, colocando em evidência a posição daquele que pertence a um outro (e à língua). Do ponto de vista de C. de Lemos (ibidem), essa fase de incorporação mútua é responsável pela progressão e pela coesão do diálogo. E não apenas isso: cada um dos turnos da criança ou do interlocutor adulto/mãe corresponde a uma relação funcional estabelecida no nível estrutural (e, também, supra-segmental, como é o caso da intonação), o que aponta para o processo de complementaridade, caracterizado como uma cadeia de significantes que vem se acrescentar ao enunciado do interlocutor adulto, constituindo as primeiras relações estruturais em que a sintaxe está no outro.

O processo da especularidade pode ser observado no episódio relatado anteriormente, a propósito do caso da bicicleta de Anamaria. No suposto momento de ruptura do diálogo, em que Anamaria diz “Banquinho dela! Pode ligar rádio!” (3º turno da criança), o que se tem é a incorporação de “banquinho” e de “rádio” na seqüência do enunciado da mãe: “Esse banquinho, pra pôr rádio por cima, né?”. Há um processo de ressignificação no qual a mãe interpreta – visando atender à solicitação da menina – o fato de o banco da bicicleta ser um local apropriado para a colocação de um rádio. Nesse caso, observa-se o que Castro (1997, 1998a, 1998b) propõe como uma tensão na atividade interpretativa da mãe. No estudo da língua materna, a autora retoma as leituras de Milner (1978, 1983, 1989) a respeito da elaboração lacaniana dos registros do Real, do Simbólico e do Imaginário, para a investigação da heterogeneidade na fala da criança que é interpretada pelo interlocutor adulto. Para Castro, há um reconhecimento, por parte da mãe, na fala da criança, de um já-dito, de uma língua, daquilo que lhe soa familiar, e, ao mesmo tempo, há um estranhamento pelos deslocamentos que os novos arranjos entre os significantes provocam. Ainda segundo essa autora, o movimento da criança na linguagem, com o deslocamento de sentidos na fala, é perseguido pela mãe na interpretação; entretanto, é o próprio movimento que impede o fechamento sobre o mesmo.

Se a teoria (socio)interacionista propõe a consideração da língua e do outro na constituição do sujeito, sem se prender à questão desenvolvimentista, torna-se necessária a formulação de instrumentos descritivos e explicativos que dêem conta da mudança qualitativa por que passa a criança, da posição de *infans* – isto é, aquele que não fala – à de ser falante que interage com o adulto. A questão da posição da criança como falante na língua(gem) não escapou, portanto, aos estudos (socio)interacionistas.

C. de Lemos (1997a, 1997b) atenta para o fato, normalmente observado no processo da aquisição, de que a fala da criança é tomada, em seus momentos iniciais, como “correta” do ponto de vista do interlocutor adulto. A esse período em que a língua é empregada de maneira supostamente correta, sucede outro, em que os erros emergem na produção lingüística da criança. Há, por fim, o período de uma homogeneização, quando a fala da criança aproxima-se de um emprego correto atribuído à condição do adulto falante. A metáfora da “curva em U”, marcada pela sucessão de períodos de acerto, erro e, finalmente, acerto, é reavaliada no artigo dessa autora. C. de Lemos (1997a) propõe a extinção de uma cronologia marcadamente desenvolvimentista para, em seu lugar, pontuar três posições de funcionamento da criança como falante na estrutura da língua.

A chamada 1ª posição é marcada pelo conceito de incorporação. A maneira aparentemente correta como a criança fala deve-se à incorporação da fala do interlocutor adulto, quase sempre representado pela mãe. É por meio da incorporação desses fragmentos que a criança demanda uma interpretação por parte do adulto falante. Nesse sentido, pode-se dizer, com Lemos, que a criança está circunscrita à fala do outro.

A 2ª posição é caracterizada pela emergência de erros, de expressões imprevisíveis e pela impermeabilidade da criança à correção pelo adulto. Há uma impossibilidade, por parte da criança, de reconhecer o que na fala do adulto, em resposta ao seu enunciado, aponta para uma diferença em relação ao seu próprio enunciado (LEMOS, C., 1997a). Para a autora, nessa posição há a predominância do pólo de funcionamento da língua. Vários textos nos quais a criança está imersa entram em cruzamento, ocasionando ressignificações que emergem na fala da criança por meio dos chamados processos metafóricos e metonímicos.⁸

É somente na 3ª posição que a fala da criança apresenta uma homogeneidade em relação ao modo correto de falar atribuído ao adulto. Esse estado considerado estável coincide, segundo C. de Lemos, com a ocorrência na fala da criança de pausas, reformulações, correções provocadas pela reação do interlocutor. A autora, porém, adverte:

É importante chamar a atenção para o fato de que reformulações, correções e auto-correções se dão, como acontece com o erro, *sob a forma de substituições*. Isso significa que elas também remetem a processos metafóricos e metonímicos que implicam o reconhecimento da diferença entre a unidade a ser substituída e a que vem substituir. Esse reconhecimento, porém, é também determinado por um processo identificatório que se dá na linguagem como movimento de assemelhamento à fala do outro. Assim se configura uma terceira posição, no que ela representa um deslocamento do falante em relação à sua própria fala e à fala do outro. (LEMOS, C., 1997a, p.15-6)

C. de Lemos reconhece que, ainda que a formulação sobre as três posições do funcionamento da criança como falante tenha sido realizada para dar conta de sua estruturação na língua, elas não podem ser ordenadas no sentido de um processo desenvolvimentista. "Não há como eliminar da relação do falante com a sua língua materna nem a fala do outro e seu efeito, nem o movimento da língua e seu efeito tanto de estabilização quanto de ruptura e estranhamento" (ibidem, p.16).

Acredito que o percurso traçado tenha destacado a relevância da questão do diálogo como unidade de análise nos estudos em aquisição da linguagem. De uma perspectiva (socio)interacionista, portanto, deve-se considerar tanto a fala do outro e seu efeito quanto o movimento da língua e seu efeito (de estabilização e de ruptura e estranhamento) para a investigação da relação do falante com sua língua materna.

A propósito da constituição do sujeito falante no âmbito de um processo marcado pela questão do diálogo, gostaria de tentar estabelecer algumas relações entre essa

⁸ A consideração dos processos metafóricos e metonímicos foi proposta por C. de Lemos em artigo publicado em 1992. Ao revisar a literatura sobre processos reorganizacionais, na tentativa de compreender e explicar as mudanças na relação da criança com a língua materna, em sua constituição como falante, a autora prefere indicar a questão de uma ressignificação na fala da criança, a partir de uma sua releitura de Ferdinand de Saussure e de Roman Jakobson. A proposta é a realização de uma análise discursiva-textual dos dados em aquisição, no reconhecimento de processos metafóricos e metonímicos que contemplem a substituição e o deslocamento no funcionamento da língua.

questão e a noção de dialogismo como caráter constitutivo da linguagem, como propõem os estudos de Bakhtin (1997a, 1997c, entre outros).

Dialogismo e polifonia nos estudos em aquisição da linguagem

A articulação do pensamento bakhtiniano aos estudos em aquisição da linguagem aparece em um artigo de C. de Lemos publicado em 1994. Naquele momento de sua reflexão teórica, a autora se questionava a respeito da conversão do discurso do outro em discurso próprio: "Seria a conversão do discurso do outro em discurso próprio uma condição para a conversão do discurso próprio em discurso do outro?" (Lemos, C., 1994, p.38). Foi quando, segundo relata, "encontrou-se" com o pensamento bakhtiniano. Reproduzo, abaixo, duas das passagens do texto de Bakhtin destacadas pela autora no artigo, por considerá-las importantes para o que proponho problematizar sobre a questão do diálogo:

As influências extratextuais têm uma importância muito especial nas primeiras fases do desenvolvimento do homem. Estas influências estão revestidas de palavras (ou de outros signos) e estas palavras pertencem a outras pessoas: antes de mais nada, trata-se das palavras da mãe. Depois, estas "palavras alheias" se reelaboram dialogicamente em "palavras próprias alheias" com a ajuda de outras "palavras alheias" (anteriormente ouvidas) e, em seguida, já em palavras próprias (com a perda das aspas, para falar metaforicamente) que já possuem um caráter criativo.

...

O processo de paulatino esquecimento dos autores portadores das palavras alheias. As palavras alheias se tornam anônimas, se apropriam (de forma reelaborada, é claro): a consciência se *monologiza*. Esquecem-se também as relações dialógicas iniciais com as palavras alheias: ocorre que são absorvidas pelas palavras alheias assimiladas (passando pela fase das palavras "próprias-alheias"). A consciência criativa, ao tornar-se monológica, se completa pelos anônimos. Este processo de monologização é muito importante. Depois da consciência monologizada como um todo único inicia um novo diálogo (agora com vozes externas novas). (BAKHTIN apud LEMOS, C., 1994, p.38)

Segundo C. de Lemos (1994, p.39), trata-se da introdução, na obra de Bakhtin, do monólogo *como processo que inaugura um novo diálogo* e do anônimo, como resultado do apagamento da voz do outro na "palavra alheia" apropriada.

C. de Lemos prossegue a reflexão, visando ao objetivo principal de seu artigo, isto é, à tentativa de compreender a conversão do discurso do outro em discurso próprio enquanto processo que instaura uma nova relação da criança com o outro e com a linguagem. Verifica-se, então, como essa autora divide o pensamento bakhtiniano em três momentos (o que está explícito no subtítulo do artigo) para relevar o que supõe como uma tensão permanente entre diferentes concepções de diálogo e/ou de dialogismo na obra de Bakhtin.

O primeiro momento em que a tensão se anuncia, de acordo com a autora, encontra-se na obra "O autor e o personagem na atividade estética", escrita por Bakhtin possivelmente entre 1920 e 1924. Os arquivos originais foram deixados inacabados. O

texto a que C. de Lemos se refere está publicado, atualmente, sob o título “O autor e o herói” em *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 1997a). Uma nota introdutória nessa edição explica que se trata de texto de arquivos escrito possivelmente entre 1920 e 1930, cujo manuscrito não tem título e encontra-se mutilado de sua parte inicial. Para C. de Lemos, a noção de diálogo apresentada no texto que ela analisa implica o conceito de *alteridade constitutiva* que Bakhtin toma como base para sua reflexão sobre a relação entre autor e personagem na atividade estética da literatura. Conforme a leitura de C. de Lemos, só o outro dispõe do que Bakhtin denomina “excedente de visão”, e é essa a condição de possibilidade de consciência de si próprio. Dessa perspectiva, o diálogo pode ser pensado como relação de mútua determinação em que o *eu* se constitui através do outro e como *outro* do outro. Para a autora, ainda que Bakhtin reconheça nesse texto que em um primeiro momento da atividade estética pode haver identificação, empatia ou mesmo fusão, afirma que essa atividade só tem realmente início quando o autor se volta para si e se afasta para dar forma e completude ao material, produto da identificação. A noção de excedente de visão instala, desse modo, a definição de autoria como instância monológica em que se constrói o personagem como objeto “íntegro e completo” (LEMOS, C., 1994, p.40-1).

O segundo momento em que a concepção de diálogo e/ou dialogismo é reformulada pode ser observado, segundo C. de Lemos, no estudo que Bakhtin realizou da obra de Dostoiévski (BAKHTIN, 1997c). *Problemas da poética de Dostoiévski* foi publicado em russo, pela primeira vez, em 1929. Nesse texto, Bakhtin analisa o modo como Dostoiévski trabalhava seus personagens, de maneira a permitir a emergência de consciências-vozes independentes da regência do próprio autor. Pode-se afirmar que a autoconsciência dos personagens de Dostoiévski é a consciência de uma *incompletude*, de uma *inconclusibilidade* advinda do não-fechamento do sujeito no plano do mundo ético. Bakhtin define, dessa maneira, a noção de romance polifônico e a atribui como característica da obra de Dostoiévski.

O terceiro e último momento identificado por C. de Lemos é atribuído a um trabalho escrito por Bakhtin no início dos anos 60 (BAKHTIN, 1997b). O tema trata do texto como objeto da Lingüística, da Filologia e de outras ciências humanas e, principalmente, de sua bipolaridade. Para C. de Lemos, essa bipolaridade a que se refere Bakhtin diz respeito ao que em todo texto representa o repetível, o reproduzível e que o remete à língua enquanto sistema, em oposição ao que nele é acontecimento único, irrepetível e que o remete a outros textos, também irrepetíveis (LEMOS, C., 1994, p.41-2). O texto, assim considerado, supõe tanto relações dialéticas entre textos e seus sentidos, quanto relações dialógicas entre textos e seus sujeitos. É a esse conceito de texto, diz C. de Lemos, que Bakhtin vincula a questão da autoria. A figura do autor, entretanto, aparece, nesse texto, como um terceiro, identificado negativamente por não-assimilável às vozes-sujeitos que se cruzam no discurso, no reaparecimento, sob outras formas, da noção de extraposição (ou de exotopia). Na avaliação de C. de Lemos, há, pois, a presença de pelo menos três personagens na definição de texto:

o autor enquanto imagem, seu destinatário e as vozes que ressoam nesse drama “que se representa independentemente de seu autor e que não é possível projetar nele ou no seu interior”. (BAKHTIN apud LEMOS, C., 1994, p.42)

C. de Lemos considera, por fim, um seu “vão reducionismo” a tentativa de submeter as vozes díspares que soam na obra de Bakhtin a um monólogo coerente. Destaco a consideração final da autora a respeito de sua proposta inicial:

Se a função da palavra alheia é dar sentido ao que carece de sentido para ser sujeito, seu destino é ser apropriada e monologizar-se, para se tornar de novo alheia, constituindo o sujeito em um “outro do outro”, em outro de si próprio e em outro das vozes-sujeitos que circulam em seu discurso consciência monologizada. Mas não seria a própria linguagem a autora dessa infinita sucessão de deslocamentos? (LEMOS, C., 1994, p.42-3)

O percurso traçado por C. de Lemos interessa-me na medida em que se trata da reflexão de uma autora, notadamente reconhecida no âmbito dos estudos em aquisição da linguagem, a respeito dos estudos bakhtinianos. Procurarei, portanto, contribuir com a reflexão iniciada por ela na consideração dos apontamentos que se seguem. Minha proposta restringe-se à tentativa de articular, ainda que de maneira incipiente, os dois primeiros textos apontados pela autora na avaliação da questão do diálogo e do dialogismo em Bakhtin à noção de diálogo como unidade de análise nos estudos sociointeracionistas.

Do ponto de vista que assumo nesta reflexão, a relação entre autor e personagem (o herói, no conceito bakhtiniano) é fundamental para se pensar a *alteridade constitutiva de uma noção de sujeito na linguagem*. A questão da alteridade constitutiva na relação autor-personagem já havia sido apontada por C. de Lemos no artigo de 1994. Para a autora, o excedente de visão do autor o define como instância monológica em que se constrói o personagem como objeto “íntegro e completo”, observação com a qual concordo, se se levar em conta a instância do monólogo “como um processo que inaugura um novo diálogo”, na reflexão da própria autora. Ainda que se considere o distanciamento temporal existente entre o trabalho de Bakhtin que C. de Lemos toma para a formulação inicial de seu artigo (trabalho escrito pelo autor russo em 1974) e a reflexão sobre a relação autor-herói (escrita entre os anos 20 e 30), acredito na pertinência da reconsideração do texto sobre a relação autor-herói para a constituição de uma noção de subjetividade/alteridade na linguagem.

Bakhtin opera com três categorias no tratamento do excedente de visão do autor em relação ao herói, na chamada relação exotópica, a saber, o espaço, o tempo e o sentido. Na categoria do espaço, o distanciamento entre o *eu* e o *outro* é o que define a questão da alteridade como princípio da atividade estética. O excedente de visão do autor possibilita a construção de uma noção de corpo (externo e interno) do herói. É desse modo que o autor, na visão estética, possui o privilégio de contemplar o acabamento do herói (outro) e da obra, o que não é facultado ao próprio personagem. Em relação à categoria temporal, observa-se que o tempo da obra é “fechado”, dado que somente o autor, em sua posição na relação exotópica, pode concluir o conjunto do feixe psicológico que constitui o personagem. Em termos da categoria de sentido, o tempo vivido pelo personagem, num determinado espaço, é significado e interpretado a partir dos valores atribuídos pela posição do autor.

A consideração das categorias de espaço, tempo e sentido na formulação do conceito bakhtiniano de exotopia aponta para a questão fundamental de uma noção de

subjetividade/alteridade no mundo ético, isto é, no âmbito que extrapola os limites da criação literária e que atinge uma concepção de ser humano: só o outro, na posição que lhe é inerente, pode dizer o que o “eu” é (ou foi) em vida. Somente a alteridade permite que o fechamento do tempo de vida de um corpo seja efetuado:

É nesse sentido que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse. (BAKHTIN, 1997a, p.55)

A propósito de um “acabamento” do corpo, no trânsito entre o mundo estético e o mundo ético, Bakhtin considera a importância da figura da mãe para que o homem comece a “viver-se por dentro”, visto que para o autor russo o corpo não pode ser atualizado senão pelo outro:

É nos lábios e no tom amoroso deles [da mãe e de seus próximos] que a criança ouve e começa a reconhecer seu *nome*, ouve denominar seu corpo, suas emoções e seus estados internos; as primeiras palavras, as mais autorizadas, que falam dela, as primeiras a determinarem sua pessoa, e que vão ao encontro da sua própria consciência interna, ainda confusa, dando-lhe forma e nome, aquelas que lhe servem para tomar consciência de si pela primeira vez e para sentir-se enquanto *coisa-aqui*, são as palavras de um ser que a ama. As palavras amorosas e os cuidados que ela recebe vão ao encontro de sua percepção interna e nomeiam, guiam, satisfazem – ligam ao mundo exterior como uma resposta, diríamos, que demonstra o interesse que é concedido a mim e à minha necessidade – e, por isso, diríamos que dão uma forma plástica ao infinito “caos movediço” da necessidade e da insatisfação no qual ainda se dilui todo o exterior para a criança, no qual se dilui e se afoga também a futura diade de sua pessoa confrontada com o mundo exterior. (Ibidem, p.67-8)

Parece-me que é no embate nesse “‘caos movediço’ da necessidade e da insatisfação” com o mundo exterior, a que se refere Bakhtin, que a criança constitui-se como sujeito falante, na alteridade (do diálogo) com o outro. Para Bakhtin, o estado de *ser-já* de uma criança significa *estar na necessidade*: necessidade de ser validado de fora, de ser amado, de ser salvaguardado, de fora (ibidem, p.149). Mesmo depois que a criança passa à condição de adulto, a figura do outro se faz imprescindível à constituição da unidade de sua vida:

Uma parte considerável da minha biografia só me é conhecida através do que os outros – meus próximos – me contaram, com sua própria tonalidade emocional: meu nascimento, minhas origens, os eventos ocorridos em minha família, em meu país quando eu era pequeno (tudo o que não podia ser compreendido, ou mesmo simplesmente percebido, pela criança). Esses elementos são necessários à reconstituição um tanto quanto inteligível e coerente de uma imagem global da minha vida e do mundo que o rodeia; ora, todos esses elementos só me são conhecidos – a mim, o narrador da minha vida – pela boca dos outros heróis dessa vida. Sem a narrativa dos outros, minha vida seria, não só incompleta em seu conteúdo, mas também internamente desordenada, desprovida dos valores que asseguram a *unidade biográfica*. (Ibidem, p.168-9)

De acordo com Bakhtin, o “eu” não pode ser herói de sua própria existência. Necessita sempre de um “outro” que interprete seus atos e lhes dê significação, a exemplo da fala da criança que demanda significação por parte de sua mãe, como foi observado nos trabalhos de Scollon (1979) e Castro (1997), entre outros. A questão de uma instância monológica característica da figura do autor pode ser compreendida como pólo necessário para a subjetivação na enunciação. Mas deve-se levar em consideração que a subjetividade marcada pela apropriação das “palavras alheias (anteriormente ouvidas)” somente é possível no processo dialógico que contempla a *alteridade*.

Em termos de tratamento de um mundo ético, a noção de subjetividade/alteridade que emerge da relação autor/herói possibilita pensar, ainda, a questão do *por-vir do acontecimento*, de um *inacabamento* característico da vida humana:

Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso viver nem agir: para viver, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo – pelo menos no que constitui o essencial da minha vida –, devo ser para mim mesmo um valor ainda por-vir, devo não coincidir com a minha própria atualidade. (BAKHTIN, 1997a, p.33)

É nesse momento da reflexão sobre a condição do autor no mundo estético que procuro realizar uma articulação com outro estudo bakhtiniano, agora sobre a relação autor-personagem na obra de Dostoiévski. Como disse, a obra de Dostoiévski é caracterizada por Bakhtin por seu caráter polifônico. Há a consideração de uma multiplicidade de consciências-vozes *imiscíveis*, tomadas como independentes por não se misturarem entre si e com a voz do autor do texto, mas que são constituídas no âmbito de uma coletividade socialmente partilhada. As consciências-vozes cruzam o texto de modo a manter sua incompletude, sua inconclusibilidade característica de uma noção de sujeito no plano do mundo ético. A tese de Bakhtin é que os personagens de Dostoiévski podem ser inscritos como seres humanos por remoerem os acontecimentos vividos na narrativa de modo que um ponto final não seja suficiente para a solução de seus dramas e suplícios:

Assim, a nova posição artística do autor em relação ao herói no romance polifônico de Dostoiévski é uma *posição dialógica seriamente aplicada e concretizada até o fim*, que afirma a autonomia, a liberdade interna, a falta de acabamento e de solução do herói. Para o autor o herói não é um “ele” nem um “eu” mas um “tu” plenivalente, isto é, o plenivalente “eu” de um outro (um “tu és”). O herói é o sujeito de um tratamento dialógico profundamente sério, *presente*, não retoricamente *simulado* ou literariamente *convencional*. E esse diálogo – o “grande diálogo” do romance na sua totalidade – realiza-se não no passado mas neste momento, ou seja, no *presente* do processo artístico.⁹ Não se trata, em hipótese alguma, do estenograma de um diálogo *acabado*, do qual o autor já saiu e *acima* do qual se encontra neste momento como quem se encontra numa posição superior e decisiva: ora, isto transformaria imediatamente o diálogo autêntico e inacabado em *modelo* material e acabado de diálogo, modelo comum a qualquer romance monológico. Em Dostoiévski, esse grande diálogo é artisticamente organizado como o *todo não-fechado* da própria vida situada no *limiar*. (BAKHTIN, 1997c, p.63)

9 O original traduzido para o português apresenta a seguinte nota de Bakhtin: “O *sentido* não ‘vive’ no tempo em que há o ‘ontem’, o ‘hoje’ e o ‘amanhã’, isto é, no tempo em que ‘viveram’ os heróis e transcorre a vida biográfica do autor” (BAKHTIN, 1997c, p.63, nota de rodapé n.2).

Considero que a questão do diálogo, da relação entre “eu” e “outro”, da alteridade constitutiva, é mais fortemente marcada por Bakhtin na avaliação da obra de Dostoiévski. Para Bakhtin, o autor no romance polifônico tem um “caráter positivamente ativo” na medida em que não pode contemplar, analisar e definir as consciências alheias como objetos, como coisas. Ser autor do romance polifônico implica *comunicar-se* com as consciências alheias, pois do contrário elas voltam imediatamente para o autor seu aspecto objetificado: “elas calam, fecham-se e imobilizam-se nas imagens objetificadas acabadas” (ibidem, p.68).

É sabido que a indicação de instrumentais descritivos e explicativos, tal como concebida na aquisição da linguagem, não cabe como tarefa a Bakhtin. Seus estudos sobre a questão estética, no entanto, podem suscitar pontos interessantes sobre a constituição de uma noção de sujeito na linguagem. No tratamento do mundo ético, no qual a interação da criança com o interlocutor adulto pode ser contemplada, penso se não é a noção de diálogo bakhtiniana a que permite a valorização dos papéis do outro e da língua na constituição do sujeito falante. Ao se tomar a criança como uma demanda de comunicação (para além do que essa noção comporta de informação), o interlocutor adulto não deve fazer calar a voz alheia para a efetivação do processo dialógico, muito menos para a objetificação dessa relação. O exercício de uma atividade *permutável* de interpretação e de significação no jogo enunciativo deve dar vazão às vozes que constituem a história individual da relação do sujeito com o outro, com a língua(gem). Deve-se considerar, entretanto, que a fluidez da posição do sujeito no funcionamento da língua – ora como interpretado (pelo outro e pela (na) língua), ora como intérprete (do outro e na (pela) língua) – nada tem a ver com a identidade da posição dos sujeitos; trata-se de uma não-coincidência própria da condição da alteridade constitutiva.

Acredito, ainda, que a assunção de uma noção de alteridade constitutiva permite a reflexão a respeito da emergência de dados divergentes no processo da aquisição da linguagem pela criança.¹⁰ O cruzamento de vozes, necessário para a constituição de uma subjetividade/alteridade, parece estar explicitado na fala de Anamaria (5º turno da criança no diálogo transcrito). A advertência formulada sobre a condição para a utilização de sua bicicleta e do rádio (“Mas quando ela ficar grande, né? Ficar nenezinha assim...”) é uma fala dirigida a quem? À mãe, como interlocutora? À projeção de uma imagem da irmã mais nova? À memória de Anamaria como criança, “nenezinha”? À sua autoprojeção como irmã mais velha e responsável? Aos enunciados cristalizados e congelados, pronunciados pelos adultos para a proposição de advertências às crianças? De que maneira a substituição do emprego correto de “maiorzinha” por “nenezinha” pode ser explicada? Pode-se recorrer ao instrumental descritivo e explicativo no âmbito dos processos metafóricos e metonímicos. E, ainda, atentar para a não-possibilidade de fechamento dessa história, na consideração das *fronteiras indivisas*¹¹ certamente constitutivas dos sujeitos.

10 A propósito de uma investigação sobre o dado divergente (o chamado “erro”) no processo da aquisição da linguagem, cf. Figueira (1995a, b, 1996), entre outros.

11 O conceito de “fronteiras indivisas” é formulado por Bakhtin (1997a).

Agradecimentos

O presente texto originou-se do trabalho de conclusão da disciplina Aquisição da Linguagem, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Maria Fausta Pereira de Castro, do Departamento de Linguística do IEL/Unicamp, no primeiro semestre de 2001. Agradeço às colegas Vanessa Alves Pinto e Renata Mazafarro pelas sugestões e à professora Maria Fausta pela leitura deste trabalho, por suas observações e pelas críticas.

KOMESU, F. C. Dialogue and dialogism in the process of language acquisition. *Alfa*, São Paulo, v.46, p.55-70, 2002.

- **ABSTRACT:** *The purpose of this paper is to investigate dialogue and dialogism in language acquisition. By observing a mother and daughter episode, in an everyday scene, it considers the dialogue as unit of analysis in conformity with language acquisition research field. Accordingly, this paper focuses on theoretical issues concerning the notion of dialogism as a constitutive aspect of human language after Bakhtin.*
- **KEYWORDS:** *Language acquisition; child speech; interacionism; dialogue; dialogism; Bakhtin.*

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. M. O autor e o herói. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a. p.23-220.

_____. O problema do texto. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997b. p.327-58.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997c. 275p.

CASTRO, M. F. P. de. A interpretação: a fala do outro e a heterogeneidade na fala da criança. *Letras*, Santa Maria, n.14, p.125-38, jan./jun.1997.

_____. Língua materna: palavra e silêncio na aquisição da linguagem. In: JUNQUEIRA FILHO, L. C. U. (Org.) *Silêncios e luzes: sobre a experiência psíquica do vazio e da forma*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998a. p.247-57.

_____. Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.33, n.2, p.81-7, jun.1998b.

_____. *Argumentação na aquisição de linguagem: interrogando hipóteses cognitivistas*. Versão de trabalho apresentado como participação no painel Error as an empirical challenge to cognitivist approaches to language use, coordenado por Cláudia de Lemos na 7th International Pragmatics Conference em Budapeste, Hungria, jul.2000. Mimeografado.

CHOMSKY, N. *New horizons in the study of language and mind*. Foreword to Neil Smith. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p.vi-xvii.

FIGUEIRA, R. A. A palavra divergente: previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais da fala de duas crianças. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, v.26, p.49-80, 1./dez.1995a.

FIGUEIRA, R. A. Erro e enigma na aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.30, n.4, p.145-62, dez.1995b.

_____. O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem. In: CASTRO, M. F. P. de (Org.) *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. p.55-86.

LEMOS, C. T. G. de. A. Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da ABRALIN*, Curitiba, n.3, p.97-126, 1982.

_____. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*, Barcelona, v.1, n.1., p.121-35, 1992.

_____. A função e o destino da palavra alheia: três momentos da reflexão de Bakhtin. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Org.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994. p.37-43.

_____. *Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna*. Trabalho apresentado no Congresso The Trento Lectures and Workshop on Metaphor and Analogy, organizado pelo Istituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica italiana em Povo, Trento, 1997a. Mimeografado.

_____. Native speakers intuitions and metalinguistic abilities: what do they have in common from the point of view of language acquisition? *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v.33, p.5-14, jul./dez.1997b.

LEMOS, M. T. de. *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem*. 1994. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1994.

MILNER, J. C. *L'amour de la langue*. Paris: Seuil, 1978.

_____. *Les noms indistincts*. Paris: Seuil, 1983.

_____. *Introduction à une science du langage*. Paris: Seuil, 1989.

SCOLLON, R. A real early stage: an unzipped condensation of a dissertation on child language. In: OCHS, E.; SHIEFFELIN, B. B. (Orgs.) *Developmental pragmatics*. New York: Academic Press, 1979. p.215-27.

SPERBER, D.; WILSON, D. Precis of relevance: communication and cognition. *Behavioral and brain sciences*, New York, p.697-754, 1987.

Bibliografia consultada

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 196p.

BLOOM, L. *Language development: form and function in emerging grammars*. Cambridge: M. I. T. Press, 1971. p.1-25.

BOWERMAN, M. Reorganizational processes in lexical and syntactic development. In: WANNER, E.; GLEITMAN, L. R. (Eds.) *Language acquisition: the state of the art*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p.319-45.

CHOMSKY, N. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p.1-18.

FIGUEIRA, R. A. Aquisição dos verbos prefixados por *des* em português. *PaLavra*, Rio de Janeiro, n.5, p.190-211, 1999.

_____. Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso, humor e aquisição da linguagem. *Linguas e instrumentos lingüísticos*, Campinas, p.27-61. No prelo.

LEMOS, C. T. G. de. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.30, n.4, p.9-28, dez.1995.

PETERS, A. M. *The units of language acquisition*. New York: Cambridge University Press, 1983. p.1-15.